

Salmo 113 – Louvado seja Deus

Lucas Machado



RESUMO: Compreender a natureza e o uso dos Salmos de *Hallel* é relevante para o estudo da importância do cântico bíblico nos lábios de Jesus. Situado no contexto do judaísmo do segundo templo, imagina-se que ele conhecia bem as tradições religiosas em efervescência, participando das tais quando convinha, o que inclui o entoar os chamados Salmos de *Hallel*. Dentre eles, o salmo 113 se destaca pelo seu conteúdo teológico e seu possível uso litúrgico.

ABSTRACT: Understanding the nature and use of the Hallel Psalms is relevant for studying the significance of biblical singing on Jesus' lips. Situated in the context of Second Temple Judaism, it is assumed that He was well acquainted with the vibrant religious traditions, engaging in them when appropriate, which includes singing the so-called Hallel Psalms. Among them, the Psalm 113 stands out for its theological content and its possible liturgical use.

PALAVRAS-CHAVE: *Hallel*; Salmos; Páscoa; Jesus; Adoração.

1. Introdução:

Em 2006, um artigo foi publicado pela Cambridge University Press com o nome “*Perspectives on spirituality at the end of life*”,¹ visando revisar a literatura disponível sobre o papel da espiritualidade nos últimos momentos de vida de uma pessoa. Foi constatado que tópicos como perdão, conexão e paz são importantíssimos nos cuidados paliativos. Apesar do foco da investigação ter sido majoritariamente em países de língua inglesa, certamente revela uma generalidade em anseios profundos de cada ser humano existente. Isso desperta a imaginação de quais seriam os desejos finais de um homem antes de morrer. Decerto alguns pensam em reconciliação e outros em quietude. Porém, há um outro elemento que pode ser considerado: o louvor. Que é louvor se não uma reação? Waltke (2020) está certo ao afirmar que “o louvor é o atributo essencial da adoração”.² Ele é expressado por meio de homenagem e submissão à revelação.³ Logo, que melhor modo há para o crente passar de plano do que prestando tributo ao soberano e gracioso Senhor?

Muitos decidiram encerrar a vida assim, inclusive mártires. No entanto, há de se reconhecer que talvez um modelo sublime trouxe influência para os tais: Jesus Cristo. Na ocasião do banquete no cenáculo (Mc 14.17-26; Mt 26.20-30; Lc 22.14-38; Jo 13.18-30), o último momento do Nazareno com os seus amigos mais próximos, um hino de louvor foi cantado (Mc 14.26; Mt 26.30), provavelmente os salmos 115-118,⁴ cujas palavras se configuraram como a segunda parte dos chamados “Salmos do *Hallel* Egípcio”. O presente artigo visa explorar exegeticamente o salmo 113, com atenção especial ao seu uso litúrgico, à estrutura do seu texto e às aplicações práticas decorrentes dele.

2. O *hallel* egípcio e seu uso festivo

A palavra *Hallel* vem do hebraico הַלֵּל, que significa exaltar ou colocar acima, sugerindo o seu uso para descrever o caráter de Deus, através de hinos e cânti-

¹Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/palliative-and-supportive-care/article/abs/perspectives-on-spirituality-at-the-end-of-life-a-meta-summary/7606213407EF0C8FAC8F38E0E3EFB8A1#>. Acesso em: 09/05/2024, às 9h.

²Waltke, p. 19.

³Block, p. 23-4.

⁴Schnabel, p. 358.

cos⁵. Sua raiz vem do nome que a tradição judaica preservou para a coletânea dos salmos, סֶפֶר תַהֲלִים. É verdade que a expressão הָלְלָנוּ está ausente nos livros I, II e III⁶ e que alguns desses salmos tenham elementos de petição, de lamento ou de ações de graças, mas cada um deles tem movimento de louvor.⁷ Explicações para tanto ganharam força após os esforços de Hermann Gunkel, Claus Westermann e Sigmund Mowinckel, os quais enxergaram padrões poéticos — e litúrgicos — permeando a estrutura dos salmos. Evidentemente, não há razão para limitar o culto em Israel como a única fonte dos “louvores” (תַהֲלִים). Por outro lado, há uma gama de provas que apontam para o uso litúrgico nas principais festas fixas, como na Festa das Semanas, na Festa dos Tabernáculos e, principalmente, na Festa da Páscoa.⁸ Para além disso, existem registros na literatura de Qunram, como em 11QSalmos, sobre poemas usados para adoração.⁹ Von Rad (2006) acrescenta: “Ao menos dois textos permitem verificar claramente que o cântico de hinos acompanhava a apresentação de oferendas: Eclesiástico 50.1-18 e 2Crônicas 29.25”.¹⁰

Sabe-se que o povo de Deus usava o livro dos salmos para celebrar, especialmente em seus contextos de culto. No caso dos salmos 113-118, há uma relação na tradição judaica com os acontecimentos do Êxodo, quando YHWH libertou o seu povo da tirania do Egito. Tais salmos seriam expressões de adoração que re-memoravam os ocorridos que marcaram a história do povo da aliança. A *Hagadá*, livro sobre os rituais da celebração pascal, associa os salmos 113 e 114 a cânticos entoados após a segunda taça da *Séder*, refeição que marcava o início da Páscoa numa reunião à noite nos lares.¹¹ Depois da jantarada, os salmos 115-118 eram recitados ou cantados.¹² Na *Mishná*, em Pesachim 5:7, temos a comprovação de que esses salmos eram utilizados durante o abate do cordeiro pascal no templo.¹³ Sittema (2010) pinta o quadro: “Um coral de levitas [...] cantava os salmos 113-

⁵Pinto, p. 460.

⁶Robertson, p. 198.

⁷Pinto, p. 449.

⁸Harman, p. 386.

⁹Waltke, p. 34.

¹⁰Von Rad, p. 357.

¹¹Ross, p. 7.

¹²Sittema, p. 36.

¹³Ibidem, p. 9.

118, enquanto a congregação respondia em antífona: ‘Hallelu-Yah’, ‘louvado seja o Senhor’¹⁴ No *Talmude Bavli*, em Pesachim 117a, lê-se questões relativas ao uso dos salmos de *Hallel* na Páscoa.¹⁵

Inaugurado o Reino com a morte e a ressurreição de Jesus, o cumprimento da Páscoa em Cristo continuou a ser celebrado. Agostinho e Crisóstomo testemunharam do uso dos salmos de *Hallel*, em especial o 118 nas adorações semanais ou na celebração da festa anual.¹⁶ Até os dias atuais existem testemunhos dessa ligação dos salmos supracitados com a festividade. Nas igrejas reformadas da Escócia, o salmo 116 é elemento praticamente fixo na celebração do sacramento da eucaristia; nas igrejas anglicanas, os salmos 113-118 permanecem um constituinte regular de liturgia para a Páscoa;¹⁷ a Igreja Católica ainda usa esses cânticos como base das missas de véspera de domingo.¹⁸

3. O salmo 113 analisado

No caso do salmo 113, ele era usado, como já adiantado, em conjunto com o salmo 114 no início da refeição. Ele convida à celebração do modo com que Deus se envolve com a vida das famílias.¹⁹ No momento em que ocorria a *Séder*, é de se esperar que Jesus, educado em lar judaico,²⁰ tivesse participado de sua tradição. Assim, podemos inferir que ele vocalizou o hino contido no texto sagrado. O seu *Gattung*²¹ é descrito como um salmo de louvor descriptivo, consistindo, segundo Waltke (2016), “num chamado ao louvor, um motivo para o louvor e um chamado renovado ao louvor”.²² Tal estrutura pode ser observada pela *inclusio* entre a primeira e a última expressão (*הַיְיָ וּלְךָ*) sendo o chamado (e o chamado renovado) ao louvor, e o restante do salmo apresentando as razões para o chamado: YHWH é o Senhor do tempo e do espaço (v. 1-3); YHWH somente é transcendente e imanente (v. 4-6); e YHWH é Deus de reviravoltas (v. 7-9).

¹⁴Sittema, p. 35.

¹⁵Disponível em: <https://www.sefaria.org/Pesachim.117a.2?lang=bi>. Acesso em: 09/05/2024, às 16h30m.

¹⁶Ross, p. 12.

¹⁷Ibidem.

¹⁸Briggs, p. 388.

¹⁹Goldingay, p. 175.

²⁰Waltke, p. 11.

²¹Termo utilizado por Gunkel para se referir aos gêneros de cada salmo.

²²Waltke, p. 982.

3.1 YHWH é Senhor do tempo e do espaço (v. 1-3)

“*Aleluia*” (אֶלְלָה), “louvado seja Deus!”. Essa é a essência do texto do começo ao fim. Há muito em jogo para o povo israelita quando ele celebra a libertação que ocorreu no Egito. Por isso, dentro do סִפְר תְּהִלִּים, “o livro dos louvores”, consta a convocação para adorar. Louvar é exatamente o que se espera daquele que se aproxima dos Salmos. Seu título original e a abertura do Sl 113 têm a mesma raiz, הַלֵּל. Na porção em análise, a orientação é claríssima: “*Louvem, ó servos do SENHOR*” (לֹוְוֵם עֲבָדֵי יְהוָה). Quem são esses servos? Investigando o uso da palavra em questão, וְבָדֵי, nos salmos, três opções são possíveis: (1) O povo de Israel; (2) os líderes de Israel; e (3) os levitas. Em defesa da primeira alternativa, cita-se Dt 10.12-13: “E agora, ó Israel, que é que o Senhor seu Deus pede de você, senão que tema o Senhor, o seu Deus, que ande em todos os seus caminhos, que o ame e que sirva (עַבְדֵ) ao Senhor, ao seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma, e que obedeça aos mandamentos e aos decretos do Senhor, que hoje lhe dou para o seu próprio bem?” e Sl 97.7: “Ficam decepcionados todos os que adoram (עֲבָד) imagens e se vangloriam de ídolos”, embora o segundo se refira a um serviço idólatra. A premissa básica é que todos são chamados para serem servos. O segundo grupo pode ser considerado pelo uso de שְׁבָדֵי no Sl 89, tanto no verso 3 quanto no verso 20, no qual o termo é associado a Davi (שְׁבָדֵן עֲבָדֵי) e קָדוֹם עֲבָדֵי respectivamente). Parece apontar para a mesma realidade de liderança religiosa com Moisés (Nm 12.7, Dt 34.5), Josué (Js 24.29), Isaías (Is 20.3) etc. Por fim, a terceira e última possibilidade é pautada no Sl 134.1: “Venham! Bendigam o SENHOR, todos vocês, servos (עֲבָדִים) do SENHOR, vocês que servem de noite na casa do SENHOR” e no Sl 135:1-2: “Aleluia! Louvem o nome do SENHOR; louvem-no, servos (עֲבָדִים) do SENHOR, vocês que servem na casa do SENHOR, nos pátios da casa de nosso Deus”.

Definir a interpretação não é tarefa simples, pelo baixo número de utilização de שְׁבָדֵי nos salmos. O trabalho se torna ainda mais complicado pela diversidade de alternativas plausíveis em poucos textos. Não obstante, pode-se questionar se os שְׁבָדֵי são uma referência à liderança religiosa do povo, uma vez que tal abordagem individualizada representa uma remada fora da maré do texto, não se encaixando bem com o restante do segmento. Seguindo na mesma linha, será que um teor generalizado poderia ser aprovado? Como explicar então a utilização nos salmos 134 e 135? Soa mais razoável e moderado refletir sobre essas duas

realidades tentando fundi-las. A questão é descobrir se há respaldo bíblico para a aventura. O texto de 1Crônicas 23:30-31 sugere que os levitas deveriam louvar (לְלוּ) a YHWH nas festas fixas, incluindo a celebração da Páscoa (Lv 23.4-5). Se o *Sitz im Leben* do Sl 113 é o contexto litúrgico, como sugerido por Gunkel e desenvolvido por Mowinckel, a discussão se encerra. No entanto, atesta Carlos Osvaldo Pinto (2006): “[É] necessário fazer uma distinção entre o *Sitz im Leben* da composição e o *Sitz im Leben* da utilização”.²³ O salmo 113 é considerado um salmo órfão, sem autoria determinada. Embora o uso litúrgico dos salmos seja indiscutível,²⁴ é necessário ter zelo e cuidado para não construir toda uma teologia com base em teorias duvidosas.

Fato é que há espaço na teologia bíblica para entender a adoração como iniciada e modelada por um liturgo, isto é, um levita. Em 2Crônicas 29.25-28, os levitas são aqueles que lideram o povo em adoração no meio de uma oferenda.²⁵ Já Ne 8.6, mostra Esdras, descendente de Arão (Ed 7.1-6), liderando os crentes no serviço divino. Portanto, os servos קָרְבָּלָה do v.1 provavelmente se referem aos cantores levitas do templo.²⁶ Levando em conta essa interpretação e tendo basicamente o princípio do canto congregacional nos cultos públicos em mente, Calvino (2012) diz:

Se alguns preferem entender a expressão como uma referência aos levitas, aos quais se confiava a incumbência da celebração dos louvores de Deus, na vigência da lei, não me oponho muito a isso, contanto que não excluam o resto dos fiéis sobre os quais Deus havia designado os levitas como líderes e regentes de música, para que Ele fosse louvado por todo seu povo, sem exceção [...]. Quando o Espírito Santo se dirige expressamente aos levitas, em relação ao assunto dos louvores a Deus, o Espírito tenciona que, por seu exemplo, os levitas mostrem o caminho aos demais e que toda a Igreja responda em coro santo”.²⁷

Tendo a decisão sobre quem deve louvar, o próximo exame diz respeito a quem deve ser louvado. Segundo o salmista, é “*o nome do Senhor*” (יְהוָה אֶת-שְׁם). Long-

²³Pinto, p. 459.

²⁴Ibidem.

²⁵Von Rad, p. 357.

²⁶Estes, p. 359

²⁷Calvino, p. 100.

man (2014) está certo ao defender que “o nome do SENHOR significa a sua reputação, ganha por suas grandes obras e seu maravilhoso caráter”.²⁸ Quando se fala no יהוה מפשׁ, intende-se abranger a própria existência e as atividades de Deus. Não é à toa que a Catecismo Maior de Westminster ressalta que a “proibição feita no terceiro mandamento é de não profanar ou abusar do nome de Deus, de seus títulos, atributos, ordenanças, palavras e obras”,²⁹ além de “não profanar suas palavras, suas obras e os sinais de seus sacramentos”.³⁰ É de interesse especial notar que assim como por três vezes aparece יְהוָה, também por três vezes se repete o nome do Senhor (יְהֹ א uma vez e יהוה duas vezes). Spurgeon, conjecturando, registrou: “o nome do Senhor é usado três vezes neste versículo, e, por nós, que compreendemos a doutrina da Trindade na Unidade, pode ser considerado como uma alusão ligeiramente velada àquele santo mistério”.³¹ Decerto há um exagero em suas considerações, uma vez que é muito evidente que a repetição dos termos comunica ênfase e centralidade.

Não há muito segredo na mensagem do verso: YHWH, o Senhor da aliança, deve ser louvado pelos seus servos (o povo de Deus), com a direção dos seus servos (os levitas), por tão grandes e temíveis obras que realizou, especialmente no resgate dos israelitas do ambiente e da situação hostis em que estavam. YHWH, O Senhor da aliança, é aquele que foi plenamente fiel do Éden ao Egito, e do Egito em direção à Terra Prometida. Tal louvor, no entanto, possivelmente não seria como qualquer coisa ordinária. O verbo זָלַל é um dos 415 no Antigo Testamento que estão no grau Piel. Embora alguma divergência quanto ao significado do tronco tenha sido discutida,³² a opinião de que ele revela intensidade é preferível. Waltke (2020) é preciso: “O louvor envolve aclamação entusiástica e alegre a Deus”.³³ Logo, a convocação seria para um celebração com dedicação. Podemos equiparar o uso aqui de זָלַל como um chamado ao louvor fervoroso diante de YHWH.

Nos versos 2 e 3, pode-se observar a apresentação de um breve quiasma,³⁴ indicado pelo convite à adoração do יהוה מפשׁ, o “*nome de do SENHOR*”. Tal cons-

²⁸Longman, p. 389.

²⁹Catecismo de Westminster, p. 56.

³⁰Ibidem, p. 57

³¹Spurgeon, p. 42

³²Waltke, p. 399-400.

³³Ibidem, p. 19.

³⁴Hamilton, p. 1.

trução apareceu anteriormente apenas três vezes no Saltério,³⁵ mas no salmo 113 é usada três vezes nos três primeiros versos. No verso 2, o verbo usado tem a raiz ברך. Já no verso 3, volta-se a הַלְלָה. Essa combinação também aparece em outro salmo do *Hallel* Egípcio, o Sl 115. Críticos tentam formular diferenças entre eles como se o primeiro fosse de uso sacerdotal e o último de uso levítico,³⁶ mas isso não faz sentido à luz do contexto imediato do texto (adoração universal e ininterrupta), do evidente paralelismo hebraico e do próprio quiasma estruturado. Isso tudo sem mencionar que no Salmos 115.17-18, bem como no Salmos 100.4, existe um bom indicativo da correta relação entre os verbetes. Segundo a primeira porção do texto, a adoração deve ocorrer porque YHWH é Senhor do tempo e do espaço. Os merismas apresentados, הַתֵּעֶשׂ וְעַזְלֵם (“desde agora e para sempre”), além de שָׁמָמָה-אַזְרָחָה וְמִבְּזָא אַמְּבָדָה (“do nascente ao poente”), testemunham da sua grandeza.³⁷ Sabemos que Deus é eterno, inclusive assim sendo descrito no Pentateuco como o עַל עֲזָלָם (Gn 21.33), e onipresente, conforme leitura do Salmos 139.5-10: “Tu me cercas, por trás e pela frente, e pões a tua mão sobre mim. Tal conhecimento é maravilhoso demais e está além do meu alcance; é tão elevado que não o posso atingir. Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se eu subir aos céus, lá estás; se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás. Se eu subir com as asas da alvorada e morar na extremidade do mar, mesmo ali a tua mão direita me guiará e me sustará”. Assim, nas próprias perfeições do ser de Deus há motivo para adoração. O povo de Deus é chamado para louvar o Senhor por aquilo que Ele é. A começar dos israelitas, todas as nações são chamadas a bendizer o nome do Senhor. Estes (2019) é preciso na sua colocação: “Em contraste com as deidades locais adoradas no mundo antigo, o reino do Senhor abrange o mundo inteiro. Então, seu louvor deve ser universal e exclusivo”.³⁸

3.2 YHWH somente é transcendente e imanente (v. 4-6)

A segunda parte do salmo 113 se encaixa no corpo do texto, chamado por Gunkel de *Hauptstück*, no qual apareceria o *tehillot*, isto é, os atributos e as obras de Deus

³⁵Sl 7.17, 102.15 e 102.21.

³⁶Hossfeld & Zenger, p. 182.

³⁷Pinto, p. 474.

³⁸Estes, p. 360.

que evocam o louvor.³⁹ No nosso texto, o destaque se dá na consideração da singularidade de YHWH como exaltado ao mesmo tempo que interativo com sua criação. Ele é distinto das suas criaturas, mas mantém contato com elas na sabedoria da sua providência. No verso 4, Ele é descrito como “*exaltado acima de todas as nações*” (רַם עַל־כָּל־גּוֹיִם), incluindo o próprio Egito, que gozava de grande poder e reputação no Antigo Oriente Próximo. YHWH está “*acima*” (עַל) deles em soberania. A sua própria glória está “*acima*” (עַל) dos céus. Essa é a figura da divindade que é suprema e única no mundo. O Salmos 99.1-2 desenha a mesma pintura: “O SENHOR reina! As nações tremem! O seu trono está sobre os querubins! Abala-se a terra! Grande é o SENHOR em Sião; ele é exaltado acima (עַל) de todas as nações”. A sua “*glória*” é cantada nos céus (Sl 8.1) e a sua majestade está acima de todas as coisas (Sl 148.13). Na história do povo da aliança, até mesmo as nações que intimidavam Israel estavam completamente sob o controle do Senhor.⁴⁰ Não é precisamente isso que ensina Nm 13—14, Js 1.3-4, 2.2, Jz 6.16, 20.28, 1 Sm 17, 2Cr 20, Ne 4.14, Es 9, Jr 10, Hc 1, 2 e tantos outros textos?

É por essa razão que vem a pergunta retórica: “*Quem é como o SENHOR, o nosso Deus?*”? (אֲנָי פְּנֵה אֱלֹהִינוּ). Evidentemente, não se espera uma resposta. Dado o contexto, um sonoro “não” é mais do que lógico. Por mais que existissem outras figuras consideradas “transcendentais” no Antigo Oriente Próximo, como *Marduk*, na Babilônia, *Assur* na Assíria e *El* na cultura cananéia, YHWH é descrito como supremo em relação a todos os falsos deuses (Sl 82.1; 95.3; 96.4-5; 135.5). O ponto surpreendente é o encontro da transcendência com a imanência entre os versos 5 e 6: “*que reina em seu trono nas alturas*” (הַמֶּגֶבֶת לְשָׁבֵת), mas se inclina para contemplar o que acontece nos céus e na terra” (הַמִּשְׁפֵּילִי לְרֹאֹת בְּשָׁמָיִם וּבָאָרֶץ). A natureza de YHWH como transcendente e imanente é incomparável.⁴¹ Ele é tão transcendente que precisa se inclinar (lit. humilhar *שָׁפֵל*) para “*contemplar*” (lit. ver *רֹאֶה*). Hossfeld & Zenger (2011) registram: “entronização no céu é [algo] frequentemente conectado nos salmos com olhar para baixo na terra”.⁴² Parece mesmo ser o caso,

³⁹Disponível em: <http://www.ericlevy.com/revel/Psalms/Gunkel%20H%20-%20The%20Psalms%20-%20A%20Form-Critical%20Introduction%20Abridged.PDF>. Acesso em: 30/04/2024, às 13h20m. A referência é Gunkel, p. 11-2.

⁴⁰Estes, p. 360.

⁴¹Longman, p. 389.

⁴²Hossfeld & Zenger, p. 182.

especialmente pelos exemplos dos Salmos 11.4, 14.2, 33.13, 53.2 e 138.6. Talvez o leitor se pergunte qual o intuito divino em olhar para baixo. Ross (2017) escreve:

Certamente, ele não tem necessidade de aumentar o seu conhecimento. Ele não é como um rei em seu palácio, que precisa se vestir como um mendigo e passar a noite debaixo de uma ponte para entender o mundo real. O Senhor já sabe de todas as coisas. Esse também não é um jeito de dizer que ele olha de longe para baixo na terra a fim de perguntar: “o que está acontecendo aí?”. Ele não está analisando um lugar antes inalcançado a partir de um observatório celestial, como numa inversão divina de um astrônomo. Ele se ‘humilha’ a si mesmo. Ele se rebaixa [...] não num sentido de dar uma olhada ou de ser curioso, mas no de prover. Isso soa como o Deus de Abraão. Se você o encontrar em algum lugar, você chamará o lugar de Jeová Jireh, ‘o Senhor verá’ ou ‘o Senhor proverá’”.⁴³

Esse modo de Deus “ver” ou “contemplar” (**הִנֵּה**) foi precisamente o que aconteceu diante do seu povo no Egito, conforme Êxodo 2.23-25: “Os israelitas gemiam e clamavam debaixo da escravidão; e o seu clamor subiu até Deus. Ouviu Deus o lamento deles e lembrou-se da aliança que fizera com Abraão, Isaque e Jacó. Deus olhou para os israelitas e viu a situação deles”. A presença do próprio Deus havia descido (**הָיָה**) no Monte Sinai, depois pousou (**יָמַשׁ**) lá. O que aconteceria no Tabernáculo seria a mesma coisa. Não por acaso “tabernáculo” (**תְּבִנָה**) tem a mesma raiz de “pousar” (**יָמַשׁ**)⁴⁴.

3.3 YHWH é Deus das reviravoltas (v. 7-9)

A última estrofe do texto descreve de que modo YHWH condescende. O verso 7 é construído por meio de paralelismo: “Ele levanta do pó o necessitado e ergue do lixo o pobre”. São três correspondências: (1) “levanta” com “ergue”; (2) “pó” com “lixo”; e (3) “pobre” com “necessitado”. Do início ao fim, o verbo “levantar” é tradução do termo **קָם**, que aparece mais de 600 vezes no Antigo Testamento. Equivalentes no Antigo Oriente Próximo como o acadiano *qamāmu*, o árabe *qāma*, e o ugarítico *qm* são palavras bem documentadas.⁴⁵ No caso do uso no salmo 113, **קָם** encon-

⁴³Ross, p. 45.

⁴⁴Morales, p. 92.

⁴⁵VanGemeren, p. 899.

tra-se no *Hiphil*, demonstrando como Deus causa a ação, geralmente relacionada a “começar a fazer algo”.⁴⁶ “Erguer”, por sua vez, vem de יָרַם, se aproximando de uma homofonia com קָרָם. Encontram-se variados testemunhos de idiomas próximos que preservam a raiz no sentido de algo que é ou ficará alto. Também empregado no *Hiphil*, יָרַם está presente em muitos textos, como Gênesis 7.7, quando a arca de Noé foi erguida pelas águas ou Josué 4.5, quando pedras foram erguidas do Jordão para se fazer um memorial.

Prosseguindo, “pô” traduz עַפְרֵת na porção selecionada das Escrituras. Sendo usado como substantivo em 110 oportunidades no AT, tem seu sentido literal relacionado à poeira, como em Gn 2.7: “Então o SENHOR Deus formou o homem do pó (*עַפְרֵת*) da terra”. Já “lixo” é a interpretação de נִפְשָׁתָא, que em Neemias se refere a uma entrada da cidade de Jerusalém (Ne 2.13, 3.13, 3.14 e 12.31), mas nos demais usos a um depósito de lixo. A palavra é associada com o local onde coisas inúteis são descartadas, não estando longe da semântica que envolve esterco, excremento humano e urina.⁴⁷ A expressão “pobre” (*לֶל*) tem ligação direta com a falta de recursos, como em Levítico 14.21: “Se, todavia, for alguém pobre (*לֶל*), sem recursos” ou em Provérbios 22.22: “Não explore os povos (*לֶל*, relativo à “necessitado”, fala de um estado de vergonha pela escassez. Estes (2019) diz que eles são os “virtualmente destituídos, os operários do dia do mundo antigo, completamente dependentes de outros para o seu sustento diário”.⁴⁸

Ao sair do mundo lexical para o mundo contextual do texto, imaginando que há pano de fundo do Egito antigo, pode-se inferir resumidamente que YHWH tirou o seu povo de situação de grande opressão, seja no trabalho (Êx 1.11-14), nos relacionamentos (Êx 1.15-16) ou na adoração (Êx 5.1-2). O ostracismo e a humilhação nacional empurravam o povo para um verdadeiro lixeiro espiritual. No mundo antigo, o depósito de lixo era onde as pessoas mais desesperadas se encontravam⁴⁹. Foi num lugar como esse que o sôfrego Jó esteve em 2.8: “Então Jó apanhou um caco de louça e com ele se raspava, sentado entre as cinzas (*נִפְשָׁתָא*)”. Em Êxodo, a conjuntura também era de desalento (Êx 2.23-25). O povo de Deus

⁴⁶Ibidem.

⁴⁷Ibidem, p. 551.

⁴⁸Estes, p. 362.

⁴⁹Ibidem.

foi maltratado e humilhado até o pó.⁵⁰ Tudo isso torna a obra redentora mais sublime, porque YHWH sujou as suas mãos para libertar o seu povo, carente e necessitado, do pó e do lixo egípcio.

A reviravolta da atividade do verso 7 surge no verso 8: YHWH redime os humildes “*para fazê-los sentar-se com príncipes, com os príncipes do seu povo*”. Sai-se da pobreza para a riqueza, mas é crucial ter cuidado para não interpretação isso apenas em termos de valores materiais. Riqueza, dentro da mentalidade hebraica, também é desfrutar da terra, ter filhos e gozar da *shalom* divina. O intuito é, então, demonstrar que Deus tira o povo da vergonha da pobreza para lhe conferir a honra da nobreza diante Dele. Ele eleva a posição do humilde para possibilitá-lo se assentar (*ישב*) com os líderes, um modo de dizer que haverá permanência da habitação dentro da nobreza, perpetuando o estado de honraria.

Como se já não fosse o bastante, mais graça é direcionada ao povo da aliança: “*Dá um lar à estéril, e dela faz uma feliz mãe de filhos*”. É importante salientar que na antiguidade, inclusive em Israel, uma mulher sem filhos se encaixava numa situação de grande vulnerabilidade.⁵¹ Essa condição específica levava ao desespero frequentemente. As narrativas da Bíblia Hebraica testemunham de algumas histórias de Deus favorecendo mulheres em tais circunstâncias. É o caso de Sara (Gn 11.30), de Rebeca (Gn 25.21), de Raquel (Gn 30.22), da mãe de Sansão (Jz 13.2-3), da Sunamita (2Rs 4.16) e, principalmente, de Ana (1Sm 1.2). Esta é digna de realce no estudo, uma vez que existem consideráveis similaridades entre o conteúdo, as palavras e o cenário experimental do Sl 113.7-9 com a oração musical pessoal dela em 1Sm 2.8. Não por menos Delitzsch escreveu que “os pensamentos do Salmo 113 são transplantados do cântico de Ana⁵²”. A primeira parte deste é **מְקִימִי מַעֲפֵר כָּל מְאַשְׁפֵת נְרִים אֶבְיוֹן**, enquanto o verso 7 daquele é **מְקִימִי מַעֲפֵר כָּל מְאַשְׁפֵת נְרִים אֶבְיוֹן**. A correspondência é de quase 100%, à exceção do acréscimo de um ‘**ו**’ ao primeiro verbo. O mesmo ocorre na primeira parte do verso 8: o verbo **לְהַוְיֵב** (conforme 1Sm 2.8) recebe o aditivo de um ‘**ו**’. Porém, as demais palavras são as mesmas. O único acréscimo considerável vem do restante do Salmos 113.8, **וְעַם נְדִיבִי עַמּוֹ** (“*com os príncipes do seu povo*”), algo que não invalida a conexão dos

⁵⁰Briggs, p. 389.

⁵¹Longman, p. 390.

⁵²Disponível em: <https://biblehub.com/commentaries/kad/psalms/113.htm>. Acesso em: 02/05/2024, às 11h30m.

textos e nem retira o *link* de significados. Fortalecendo a íntima ligação dos textos, o versículo 9 reforça a própria conjuntura que Ana viveu. YHWH a deu um “*lar*” (*תֵּהֶן*). Embora o termo *תֵּהֶן* literalmente signifique “casa”, Calvino (2012) está certo ao relacioná-lo com “família”.⁵³ O “*lar*” recebido é constituído de “*filhos*” (*בָּנִים*), tornando essa mãe alguém “*feliz*” (*הַמְּלֻאָה*). Curiosamente, essa felicidade é a mesma presente na celebração das festas fixas de Israel. Na *Sucot*, a Festa dos Tabernáculos, por exemplo, o termo está presente: “Durante sete dias celebrem a festa, dedicada ao SENHOR, o seu Deus, no local que o SENHOR escolher. Pois o SENHOR, o seu Deus, os abençoará em toda a sua colheita e em todo o trabalho de suas mãos, e a sua alegria (*בְּרִיתָה*) será completa” (Dt 16.15). Admitindo que o salmo 113 era cantado nessa comemoração anual, pode-se pensar que Sião, a esposa de YHWH e mãe da sua população, foi privada dos seus filhos, os quais foram escravizados diante dos seus olhos ou levados em cativeiro.⁵⁴ Todavia, em uma reviravolta impressionante, alegrou-se com a obra redentora que aconteceu no Egito.

Terminando assim em alta o salmo de louvor (*הָלְלָה*), é natural que se espere um grande regozijo da congregação. Embora a Septuaginta e a Biblia Vulgata tenham transferido o fecho para o salmo seguinte⁵⁵, ele é parte constituinte e primordial do salmo 113, delimitando a *inclusio* e repetindo a forma piel do chamado à adoração: “*Aleluia*” (*הָלְלָה*), “louvado” — com fervor — “seja Deus!”.

4. Considerações pastorais:

Não se sabe ao certo a data de composição do Salmo 113, mas, como demonstra, a sua utilidade e a sua valia estão amplamente registradas na história do povo da aliança. De modo a mostrar a extrema relevância do texto para o crente contemporâneo, agora no século 21, abaixo seguem algumas propostas de aplicações devocionais, horizontais e verticais, para a igreja:

Antes de tudo, que se destaque que Deus deve ser louvado. O convite à adoração do início e do fim do salmo são modelares para instruírem a comunidade de fé na adoração ao Senhor. O emprego distintivo do Piel não foi feito ao acaso.

⁵³Calvino, p. 104.

⁵⁴Briggs, p. 389.

⁵⁵VanGemeren, p. 1139.

O ser de Deus e as suas magníficas obras se constituem fundamento sublime e suficiente para gerar respostas entusiasmadas de louvor no coração do cristão. Meditar nas perfeições de Deus, especialmente as relativas à sua transcendência e à sua imanência deixam boquiabertos os seus filhos, que podem, no poder e na assistência do Espírito, enxergar a singularidade de YHWH. Ademais, contemplar a riqueza da sua obra redentora motiva-nos a encher o coração de gratidão. Tal Deus merece louvor fervoroso, porque Ele não é – e nem fez – pouca coisa. Sabe-se muito bem que em algumas congregações o fervor é destituído de uma boa teologia; em outras, a boa teologia é destituída de fervor. À primeira vista, pode parecer que existe uma relação de antagonismo entre as partes. Contudo, ao contemplar o salmo 113, o leitor descobre que teologia e fervor não são adversários. Pelo contrário, devem ser amigos inseparáveis. Deus deve ser louvado com fervor pela compreensão certa do que Ele é ou fez. A falta disso historicamente é relacionada com o que Tomás de Aquino (segundo Gregório, o Grande) chamava de Acídia, um dos sete pecados capitais, relativo à apatia espiritual.⁵⁶ Deus espera adoração entusiasmada. Os imperativos para alegrar-se e cantar ocorrem umas 200 vezes no Saltério de acordo com Gunkel.⁵⁷

Tal louvor é melhor expressado nas igrejas locais através do canto congregacional. Decerto há uma similaridade entre a direção do levita na adoração com a figura do ministro de música, no que tange ao ofício de liderar o corpo inteiro no serviço divino. O seu exemplo de teologia e fervor movem a comunidade de fé na instrução de como adorar o Senhor. É fato que todos os crentes são sacerdotes reais na administração da nova aliança, porém dentro da estrutura do culto público certas funções permanecem reservadas a algumas pessoas – não para haja um culto à performance, mas para que todo o povo de Deus seja facilitado no exercício de adoração. Logo, ter intencionalidade no canto congregacional a partir da liderança de um ministro é um privilégio que aproxima o crente da experiência tencionada por Deus na adoração pública. Nela, a igreja deve adorar a Deus pelo o que ele é. Não se pode apartar dela a compreensão das perfeições divinas, conforme revelação nas Escrituras Sagradas. Não há dúvida que Deus é incognoscível, mas o que ele decidiu revelar sobre si mesmo é suficiente para

⁵⁶Waltke, p. 38.

⁵⁷Gunkel, p. 23.

encantar o homem e produzir nele louvor ao seu Criador. Cantar sobre os seus atributos incomunicáveis, por exemplo, ressalta a singularidade do Senhor. Cantar sobre os seus atributos comunicáveis, por outro lado, demonstra a plenitude, a excelência e a superioridade de Deus. Ele é, de uma forma ou de outra, único. A distinção Criador-criatura não pode ser negligenciada.

A igreja também deve adorar a Deus pelas suas obras. O Deus que é transcendente e imanente está completamente envolvido com tudo o que acontece. No que tange à redenção do seu povo, o “obrigado” (i.e. a resposta positiva) é esperado. Deus deseja que seu povo nutra gratidão. Não é sem motivo que as festas de Levítico 23 foram instituídas como “fixas”, pois deveriam ocorrer regularmente todos os anos. É fácil se esquecer do que Deus fez. Por isso, festea-lo frequentemente por suas obras deve ser algo inegociável. As festas antigas tinham esse papel didático. A festa nova, em Cristo, se dá no culto público, no qual se diz “obrigado” em todos os domingos (Hb 9). A páscoa era celebrada no 14 de Nisã, bem no início do ano, sendo ocasião excelente para começar o ano bendizendo aquele que realizou a libertação do seu povo⁵⁸. Em comparação, o culto público é iniciado no início de cada semana, sendo mais que apropriado bendizer aquele que libertou seu povo definitivamente em Cristo Jesus. Através das orações, dos cânticos, das leituras, da pregação *Vox Dei* e dos sacramentos, o povo da aliança continua (de modo mais sublime) a expressar louvor a Deus pelas suas obras redentoras.

O melhor de tudo é que esse culto, formado por pessoas de todos os povos, línguas e nações (Ap 7.9-10), não se acaba: “*Seja bendito o nome do SENHOR desde agora e para sempre!*”. O apóstolo Paulo reforça tal assunto em Rm 15.11, quando convoca os gentios para louvarem (ωέντια, cf. לְלִין) a YHWH. Embora a adoração neotestamentária tenha pontos de descontinuidade, um conteúdo riquíssimo permanece com a administração na antiga aliança: o louvor a YHWH pela sua fidelidade pactual. Ele é o Senhor da Aliança, preservando e cumprindo a sua palavra para seus propósitos pré-estabelecidos. Deus foi fiel do Éden ao Egito, e do Egito à cruz do Calvário. Ele permanecerá fiel, porque isso faz parte de sua natureza. Não há motivos para desconfiança enquanto vivemos no “já e ainda não”. o Deus que iniciou a boa obra é aquele que a terminará no dia de Cristo Jesus (Fp 1.6). Por essa razão, o povo da aliança é convocado para bendi-

⁵⁸Spurgeon, p. 43.

zê-lo. Essa atitude de “abençoar” o nome de Deus rompe os testamentos. *νονέμηγολὺε* (particípio perfeito no modo passivo do verbo *ωεγολυε*) é como a LXX traduz *בָּרוּךְ* em Sl 113.2 (“*seja bendito*”). Curiosamente, essa expressão está presente em textos como 2Co 1.3, Ef 1.3 e 1 Pe 1.3, os quais apresentam uma espécie de fórmula: *ῦνοτσιρχ ῦνοση Ἰ νῦμή νοίρυκ ῦνοτ ρῆταπ ἵακ ζὸεθ ὁ ζὸτηγολὺΕ* (“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”). É possível que houvesse uma tradição anterior, cuja estrutura foi exposta a autores bíblicos. A *Amidah*, oração litúrgica dos judeus, continha essa mesma forma, sendo utilizada como base, ao que tudo indica, para o uso cristianizado posterior. Cada uma das dezoito benções (*berakah*) se inicia com a mesma receita: *ברוך אתה יהוה אלֹהֵינוּ ואלֹהֵי אֲבוֹתֵינוּ* (“Bendito sejas Tu, Senhor nosso Deus e Deus de nossos pais”). O uso adaptado com a inserção de Deus o Filho é mais do que apropriado, já que na entrada triunfal gritavam “Hosana ao Filho de Davi! Bendito (*ζονέμηγολὺΕ*) é o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas” (Mt 21.9), um clara referência a outro salmo do Hallel Egípcio, o salmo 118. Além disso, o verbo está presente num cântico de natividade (Lc 1.68) e na ocasião da Última Ceia (Mt 26.26).

A Escritura testifica, de Gênesis a Apocalipse, que o Deus transcendente-imanente é digno do nosso louvor fervoroso. Ele é aquele que se inclina e se humilha para salvar, porque Ele é *הָאָרִי הוָהִי*, “o Deus que vê” a situação do seu povo para resgatá-lo. Ele fez isso no Egito, continuou fazendo pelos relatos das páginas do Antigo Testamento e teve sua obra atingindo o ápice na humilhação do Senhor Jesus, o seu Filho Unigênito (Fp 2.6-8). Em Cristo, vemos o clímax da sua “bondade condescendente.”⁵⁹ O Deus das reviravoltas, na pessoa do Filho, desceu dos céus e “tabernaculou” entre nós (Jo 1.14), provendo a melhor festa fixa — e permanente — de todas: ele mesmo, a alegria dos crentes (1Pe 1.8-9). O Deus que traz felicidade à estéril é o mesmo que concede imenso regozijo para todos os estéreis espirituais. Jesus extirpa o pecador do depósito de lixo para o colocar na bonança eterna, o transportando do império das trevas para o seu reinado (Cl 1.13). O evangelho é a boa notícia de que Deus, em Cristo, sujou as suas mãos no resgate do seu povo carente para torna-los verdadeiros herdeiros reais. Assim, os cristãos, limpos pelos méritos do Senhor, são convidados, com gratidão no coração e com o cântico de Hallel (*הַלְלָה*) nos lábios, junto com a casa (família) que

⁵⁹Spurgeon, p. 41.

ele provê, a adorá-lo em verdade e em espírito, perante a face de Deus todos os dias da vida.

Conclusão

Assim se conclui com a célebre pergunta retórica do Salmos 113.5: “*Quem é como o SENHOR, o nosso Deus?*”. Essa pergunta nos encontra direta ou indiretamente em toda Escritura Sagrada.⁶⁰ Na Bíblia, temos o convite à consideração de que não há outro como o Senhor. Não há criatura alguma que seja equiparável em termos de poder, soberania e graça. YHWH é absoluto e singular. No entanto, na última celebração pascal, esteve Jesus reunido aos seus discípulos. Em algum momento, ao que tudo sugere, cantaram o Salmos 113, quem sabe com o coração queimando ao pronunciar: “*Quem é como o SENHOR, o nosso Deus?*”. Diante dos seus apóstolos, estava aquele que poderia responder à pergunta retórica de modo surpreendente. Quem é como o SENHOR, o nosso Deus? É o Deus-homem sentado à mesa. O Deus que se humilhou, comendo e bebendo com pecadores. Lá estava o Cordeiro Pascal (1Co 5.7), aquele que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). Jesus é a imagem do Deus invisível (Co 1.15), a expressão exata do seu ser (Hb 1.3), em quem habita toda a plenitude da divindade (Cl 2.9). Ele e o Pai são um (Jo 10.30). Cristo é o Grande Eu Sou, antes mesmo de Abraão nascer (Jo 8.58). Ele é Logos Eterno (Jo 1.1), o agente da criação, porque o universo foi formado pela palavra de seu poder (Hb 11.3). Meditando nisso tudo, como não terminar com קָדְשָׁךְ, “louvado seja Deus”?

Bibliografia

- ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; Karavidopoulos, Johannes; Martini, Carlo M; Metzger, Bruce. *The Greek New Testament: fifth revised edition* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014).
- AMORESE, Rubem Martins. *Louvor, adoração e liturgia* (Viçosa: Ultimato, 2004).
- ASHTON, Mark; HUGHES, R. Kent; KELLER, Timothy J.; CARSON, D.A, orgs., *Louvor: análise teológica e prática* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017).
- BAIRD, Charles W. *A liturgia reformada: ensaio histórico* (Santa Barbara do Oeste: SOCEP, 2001).

⁶⁰Kidner, p. 436.

- BLOCK, Daniel I. *Para a glória de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2018).
- BRANNAN, Rick. *Léxico Lexham da Bíblia Hebraica* (Bellingham: Lexham Press, 2020).
- BRIGGS, Charles Augustus. *A critical and exegetical commentary on the book of Psalms: vol 2* (Edinburgh: T&T Clark Ltd., 1986).
- CALVINO, João. *Salmos: Volumes 1-4* (São José dos Campos: Editora Fiel, 2012).
- CROSS, F.L. *1 Peter: A paschallLitugy* (London: A.R. Mowbray & Co. Ltd, 1954).
- DINIZ, Adriano Mendes. *Pregando Cristo nos Salmos: a mensagem cristocêntrica do saltério* (São Paulo: Fonte Editorial, 2019).
- ESTES, Daniel J. *Psalms 73-150* (Nashville: B&H Publishing Group, 2019).
- FONTES, Filipe C.; Almeida, João B. *A igreja local e a música no culto: O canto calvinista e os desafios contemporâneos* (Brasília: Editora Monergismo, 2020).
- FRAME, John M. *Em Espírito e em verdade* (São Paulo: Cultura Cristã, 2006).
- GETTY, Keith. *Cante!: como o louvor transforma sua vida, sua família e sua igreja* (São José dos Campos: Fiel, 2018).
- GOLGINGAY, John. *Poéticos para todos: salmos 73-150: parte 2* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022).
- GUNKEL, Hermann. *The Psalms: a form-critical introduction* (Philadelphia: Fortress Press, 1975).
- _____. *Introduction to Psalms: the genres of the religious lyric of Israel* (Eugene: Mercer University Press, 1998).
- HAMILTON JR, James M. *Psalms* (Bellingham: Lexham Academic, 2021).
- HARMAN, Allan M. *Salmos* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011).
- HOSSFELD, Frank-Lothar; Zenger, Erich. *Psalms 3: a commentary on Psalms 101-150* (Minneapolis: Fortress Press, 2011).
- JOHNSON, Terry L. *Adoração reformada: adoração segundo as Escrituras* (Brasília: Monergismo, 2018).
- KAUFLIN, Bob. *Verdadeiros adoradores: buscando o que Deus valoriza* (São Paulo: Vida Nova, 2018).
- KIDNER, Derek. *Psalms 73-150: an introduction and commentary* (London: Inter-Varsity Press, 2008).
- LEEMAN, Jonathan. *Word-centered church: how scripture brings life and growth to God's people* (Chicago: Moody Publishers, 2017).

- LÍNDEZ, José Vilchez. *Sabedoria e sábios em Israel* (São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011).
- LLOYD-JONES, D. Martyn. *Cantando ao Senhor* (São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2004).
- LOGMAN III, Tremper. *Psalms: an introduction and commentary* (Nottingham: Inter-Varsity Press, 2014).
- MACARTHUR, John. *Adoração: a prioridade suprema* (São Paulo: Hagnos, 2014).
- MARTIN, Ralph P. *Adoração na igreja primitiva* (São Paulo: Vida Nova, 2012).
- MORALES, L. Michael. *Quem subirá ao monte do Senhor?* (São Paulo: Cultura Cristã, 2022).
- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento: estruturas e mensagens dos livros do Antigo Testamento* (São Paulo: Hagnos, 2006).
- RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: ASTE/TAR-GUMIM, 2006).
- ROBERTSON, O. Palmer. *A estrutura e a teologia dos salmos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2019).
- Ross, Philip S. *Anthems for a dying lamb: how six Psalms (113-118): became a songbook for the Last Supper and the age to come* (Glasgow: Christian Focus Publications, 2017).
- SCHNABEL, Eckhard J. *Mark: an introduction and commentary* (London: Inter-Varsity Press, 2017).
- SITTEMA, John. *Encontrei Jesus numa festa em Israel* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).
- SPURGEON, Charles. *Cristo, nossa Páscoa* (Rio de Janeiro: GodBooks, 2022).
_____. *Os tesouros de Davi: vol. 3* (Rio de Janeiro: CPAD, 2018).
- VANGEMEREN, Willem A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011).
_____. *Psalms: The expositor's Bible commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 1995).
- WALTON, John H. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2018).

WALTKE, Bruce K. *Introdução à sintaxe do hebraico bíblico* (São Paulo: Cultura Cristã, 2006).

_____. *Os Salmos como adoração cristã: um comentário histórico* (São Paulo: Shedd Publicações, 2015).

_____. *Os Salmos como louvor cristão: um comentário histórico* (São Paulo/SP: Shedd Publicações, 2020).

_____. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática* (São Paulo: Vida Nova, 2015).



Lucas Machado da Nóbrega

Sobre o autor

Mestrando em Estudos Bíblico-Hermenêuticos no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ/SP), bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico da Missão Juvep e Pós-Graduado em Teologia Exegética pelo Seminário Presbiteriano do Norte (SPN/PE).